

A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO ORAL DECRESCENTE [ej] EM PORTO ALEGRE

Eduardo Elisalde Toledo¹

Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.

RESUMO: *No Português Brasileiro, os ditongos orais decrescentes [ej], [aj] e [ow] podem sofrer a aplicação de uma regra variável de apagamento dos glides [j] e [w], como em peixe~peixe, caixa~caixa e ouro~ouro. Nossa pesquisa busca descrever o ditongo [ej] do ponto de vista da Teoria da Variação e da Teoria Fonológica. Para isso, selecionamos uma amostra de 14 informantes da cidade de Porto Alegre (RS) do banco de dados do Projeto NURC, entrevistados nos anos 1970 e recontatados em meados dos anos 1990 pelo Projeto VARSUL.*

PALAVRAS-CHAVE: *variação – ditongos decrescentes - monotongação*

ABSTRACT: *In Brazilian Portuguese oral falling diphthongs, the glides [j] and [w] may be deleted according to a variable rule, as in peixe~peixe, caixa~caixa and ouro~ouro. Our research seeks to describe the diphthong [ej] from the point of view of the Theory of Variation and Phonological Theory. To this end, we selected a sample of 14 informants in the city of Porto Alegre (RS) from NURC Project database, interviewed in the 1970s and recontacted in the mid-1990 by VARSUL Project.*

KEYWORDS: *variation – oral falling diphthongs – monophthongization*

INTRODUÇÃO

A assimetria que se revela da observação do comportamento variável dos ditongos orais decrescentes não se limita apenas à questão de que não é toda essa classe de ditongos que permite a monotongação como regra variável; entre os ditongos [ej], [aj] e [ow], que permitem a variação, também encontramos diferenças. Enquanto a redução de [ow] se caracteriza como uma regra geral não limitada a determinado contexto fonológico ou condicionamento lexical (*outro, ouço, ouro*), [ej] e [aj] monotongam apenas nos contextos de fricativa palatal (como em *caixa* e *peixe*), e, no caso de [ej], a monotongação também ocorre diante de tepe (como em *feira, dinheiro*).

Um dos principais objetivos deste artigo é explorar uma explicação adequada para esse fenômeno de variação linguística. Em nossa análise, limitamo-nos à descrição da redução no ditongo oral decrescente [ej], por apresentar um condicionamento fonológico que envolve dois segmentos consonantais aparentemente bem distintos (*peixe, feira*); e também por acreditarmos que a monotongação que o ditongo [aj] pode sofrer em contexto de fricativa palatal (*caixa*) representa uma regra variável idêntica àquela a que é submetido o ditongo [ej]. Ao privilegiarmos as semelhanças entre os ditongos [aj] e [ej], de alguma forma, optamos por ignorar a diferença essencial da qualidade vocálica dos dois ditongos: no caso de [aj], uma vogal baixa central; no caso de [ej], uma vogal média-alta anterior.

¹ Mestre em Fonologia e Morfologia pelo Instituto de Letras da UFRGS.

A regra variável de redução dos ditongos no Rio Grande do Sul já foi estudada por Bisol (1989), Cabreira (1996) e Amaral (2005). Neste estudos, há consenso, como já foi dito anteriormente, sobre a influência do fator contexto fonológico seguinte. Mas, no que se refere aos outros fatores linguísticos e sociais, diferentes conclusões são registradas.

OS DITONGOS DECRESCENTES ORAIS

Neste capítulo, apresentamos os ditongos decrescentes orais do português brasileiro e a regra de monotongação que apaga os glides palatal [j] e labiovelar [w]. Traçamos brevemente sua origem e evolução, do latim ao português. Trazemos, também, sua descrição fonética e fonológica, discutindo a questão da representação silábica dos ditongos e do status do glide no português brasileiro e outras línguas naturais.

Conforme o Quadro 1, o português brasileiro pode apresentar as seguintes combinações para a formação de ditongos decrescentes:

Quadro 1 - Os ditongos decrescentes no português brasileiro

Vogal + glide palatal /j/		Vogal + glide labiovelar /w/	
aj	pai	aw	saudade
ej	leite	ew	esqueceu
oj	moita	ow	ouriço
uj	fui	éw	réu
éj	pastéis	iw	pediu
ój	herói	ów	sol

Dentre esses ditongos, alguns podem sofrer uma regra variável de apagamento do glide. Há um consenso entre os estudos sobre variação de ditongos (capítulo 2) de que a aplicação dessa regra de redução ocorre somente nos ditongos [ow], [ej] e [aj], conforme podemos ver no Quadro 2.

Quadro 2 - Regra de monotongação de ditongos decrescentes no português brasileiro

Ditongo decrescente	Forma com manutenção do ditongo	Forma com apagamento do ditongo
[ow]	l[ow]co	l[o]co
[ej]	f[ej]ra	f[e]ra
[aj]	c[aj]xa	c[a]xa

Ditongo, segundo Crystal (1985, p. 87), é um termo usado na classificação de sons vocálicos com base em seu modo de articulação. Ditongos são formados por dois elementos articulatórios contíguos que mudam de ordem conforme o tipo de ditongo: uma vogal e uma semivogal ou uma semiconsoante, chamadas também de *glide*². Os *glides* são realizados do mesmo modo que as vogais, porém, na relação com a vogal adjacente, são menos proeminentes.

Quando há uma mudança perceptível na qualidade da vogal durante a sílaba, considera-se que há um ditongo; quando não há nenhuma mudança, há um monotongo. Os ditongos são geralmente classificados em termos fonéticos.

Em termos fonéticos, os ditongos caracterizam-se (CAGLIARI, 2007):

a) articulatoriamente, pela mudança, na duração de uma vogal, da trajetória da língua, que inicialmente se localiza em um determinado ponto da cavidade oral e, em seguida, move-se para uma posição distinta nesse mesmo ambiente. Para a articulação do ditongo [ej], em *feira*, por exemplo, a língua inicia na posição anterior média-alta, para produzir o [e], recuando e subindo para assumir a posição final da aproximante anterior alta [j]. Este movimento de deslocamento pode ser visualizado com base na disposição das vogais quanto à altura e à anterioridade.

b) acusticamente, pela mudança de qualidade percebida pelo falante entre o estágio inicial e o estágio final de duração de uma vogal.

Como podemos observar, os ditongos se caracterizam foneticamente, seja em termos acústicos, seja em termos articulatórios, por uma transição entre dois fones que compartilham o espaço de tempo de um único segmento.

Fonologicamente, os ditongos apresentam-se ora como dois segmentos, ora como um segmento. A ambivalência desse status reside no glide, considerado como vogal ou como consoante: como vogal, por ter características similares a de vogais, como os traços articulatórios, p. ex.; como consoante, por não ocupar o núcleo da sílaba.

Para iniciarmos nossa discussão sobre a problemática da caracterização fonológica dos glides e, em consequência disso, dos ditongos decrescentes, tomemos como base a estrutura silábica desses ditongos no português brasileiro (PB). Em PB, podemos ter os seguintes padrões silábicos, conforme o Quadro 3:

²*Glide* é o termo usado em inglês para um dos dois sons que compõe um ditongo. Como não são nem consoantes nem vogais, normalmente recebem essa denominação também em português. Aqui, optamos por utilizar o termo em inglês.

Quadro 3 - Padrões silábicos dos ditongos decrescentes

Padrões silábicos	Exemplos
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>clau</u> stro

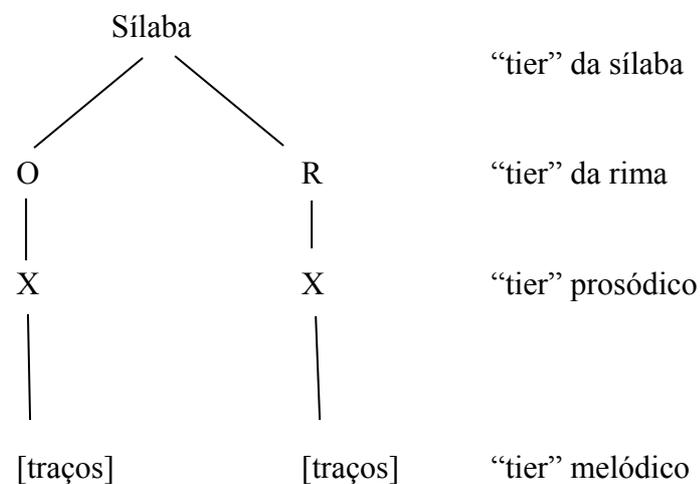
Como podemos observar no Quadro 3, os ditongos dos vocábulos estão representados pela seqüência “VV”. O segundo segmento vocálico em *aula*, *lei*, *grau* e *clau*stro se refere aos glides [j], palatal, e [w], labiovelar. Mas esse segundo elemento que compõe o ditongo também pode ser interpretado como uma consoante. Poderíamos ainda pensar num terceiro candidato que pode ocupar a representação silábica, o próprio *glide*. Neste momento, vamos concentrar-nos nas duas primeiras hipóteses, consoante ou vogal. Para responder a esta questão, tornemos nossa atenção aos estudos do pioneiro da pesquisa estruturalista no Brasil, Mattoso Câmara Jr. (1970).

No que diz respeito ao estatuto fonológico do glide, Câmara Jr. (*ibid.*, p. 55) defende o caráter vocálico desse segmento em oposição a uma definição como consoante. Logo, para o autor os ditongos decrescentes apresentam o padrão silábico VV. Assim os *glides* dos ditongos são, fonologicamente, vogais em posição periférica dentro da sílaba, mas que ainda pertencem ao núcleo da mesma (*ibid.*, p. 45).

Para corroborar sua argumentação a favor do caráter vocálico do glide, Câmara Jr. nos apresenta o caso do /r/ brando que segue os ditongos em algumas palavras (por exemplo, *feira*, *europe*): esse segmento só ocorre, em PB, entre vogais, como *era*, *caro*. Já em casos em que o contexto fonético que precede o /r/ é um segmento consonantal, sempre teremos um /r/ forte, como em *Israel*, *honra*.

No PB, alguns ditongos decrescentes podem apresentar uma forma variável sem glide. Esse processo de monotongação se dá apenas nos ditongos [ej], [aj] (variação de caráter restrito) e no ditongo [ow] (variação de caráter geral). Dando continuidade à análise dos ditongos como seqüências de vogais (CÂMARA JR., 1970), Bisol (1989, 1994) inclui a ocorrência da regra variável em sua descrição fonológica dos ditongos.

Inicialmente, a autora explica que o ditongo será analisado no interior da sílaba. A teoria adotada por Bisol para representação da sílaba segue a linha da fonologia autosegmental, em que "a sílaba é tomada como um objeto multi-dimensional de seqüência de segmentos, cujos constituintes são organizados hierarquicamente" (BISOL 1989, p. 186). Na Figura 1, apresentamos a representação gráfica da organização interna da sílaba.

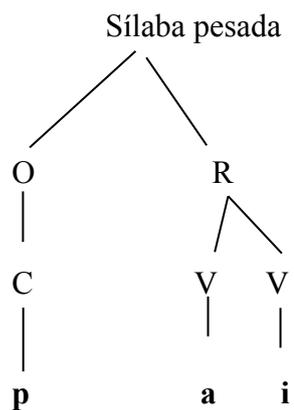


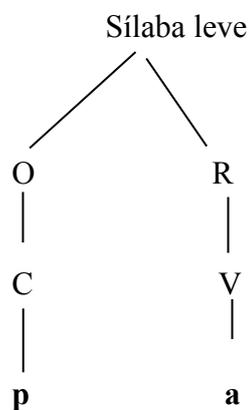
(Fonte: *ibid.*, p. 186)

Figura 1 - Representação da Sílaba

Como podemos observar, a sílaba não é uma sequência linear de segmentos, mas está dividida hierarquicamente em camadas (ou "tiers"). No "tier" prosódico, temos o molde CV da sílaba que se liga ao "onset" e à rima e que recebe os traços distintivos no "tier" melódico (*ibid.*, p. 186).

A autora também aponta a importância no PB da distinção entre sílaba leves e pesadas – ponto que sustenta sua distinção entre dois tipos de ditongos. Sílabas leves possuem rima simples e sílabas pesadas, rima ramificada, conforme podemos observar na Figura 2.



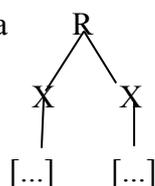


(Fonte: *ibid.*, p. 187)

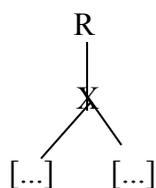
Figura 2 - Sílabas pesada e leve

Com base nas representações de sílabas leves e pesadas, Bisol propõe que os ditongos sejam divididos em duas classes: ditongos leves, com rima simples, e ditongos pesados, com rima ramificada. Dessa classificação decorre uma tendência que pode ser observada em fenômenos de natureza variável; ditongos com rima ramificada tendem a ser preservados, enquanto aqueles com rima simples tendem a ser perdidos (*ibid.*, p. 190).

a. Sílaba pesada



b. Sílaba leve



(Fonte: *ibid.*, p. 190)

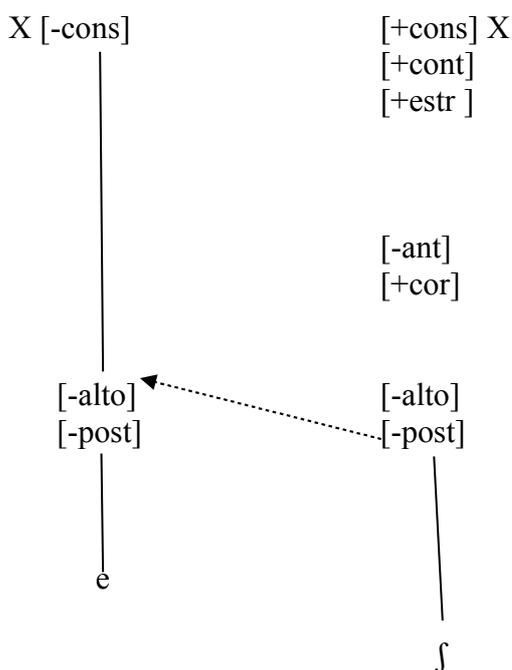
Figura 3 - Sílabas pesada e leve (II)

Conforme vemos na Figura 3, ditongos pesados (3.a) possuem uma relação biunívoca entre o tier da prosódico e o tier melódico, ou seja, para cada segmento CV há um correspondente melódico; já os ditongos leves (3.b) não apresentam essa relação de um-para-um entre os tiers, pois os dois segmentos melódicos estão ligados a um único

segmento prosódico. Segundo a autora, o principal argumento para sustentar essa distinção entre os ditongos é o fato de ditongos pesados formarem pares mínimos com a vogal simples, como em *lei/lê*, *laudo/lado*, *caule/cale*; enquanto ditongos leves não permitem essa distinção de significado, como em *beira/bera*, *eixo/exo*, *baixa/baxa*. Logo, no primeiro caso, temos um ditongo fonológico e, no segundo, um ditongo fonético (*ibid*, p. 190).

Para os ditongos orais decrescentes, a autora traça uma análise segundo o fator do contexto fonológico seguinte. Sendo assim, primeiramente, veem-se os casos de ditongos antes de consoante palatal e, posteriormente, precedendo tepe ou vibrante simples.

Segundo Bisol, antes de consoante palatal, o glide pode ser inserido ou apagado e, como estamos diante de um ditongo fonético, não há alteração de sentido, como em *peixe/pexe* e *faxina/faixina*. O que ocorre nesses casos é um processo assimilatório que "se desenrola no 'tier' melódico, no qual o traço alto da consoante palatal é compartilhado por dois segmentos vizinhos" (BISOL, 1989, p. 191). Esse processo está representado na Figura 4.



(Fonte: *ibid.*, p.190)

Figura 4 - Espriamento do traço vocálico palatal em *peixe*

Como vemos na Figura 4, quando precedida das vogais [e] e [a], ocorre o espriamento do traço vocálico [palatal] da fricativa palatal. Logo, nas palavras 'peixe' e 'caixa' o glide palatal [j] é um segmento superficial, sem correspondente na estrutura subjacente; daí a sua alternância variável entre as formas *peixe ~ pexe*, *caixa ~ caxa*.

Para os casos de ditongo seguido de tepe, Bisol aventa duas hipóteses: a metátese e a escala de sonoridade. A autora distribui os exemplos desses ditongos em quatro grupos: (i) palavras em correspondência pela relação -ario e -eiro, como em bancário/banqueiro, primário/primeiro; (ii) palavras em correspondência pela relação -aria e eiro, como em padaria/padeiro, livraria/livreiro; (iii) sufixos formadores de nome, como em formiga/formigueiro, carta/carteiro; e (iv) em qualquer ambiente, incluindo raiz e radical, como em feira e beira.

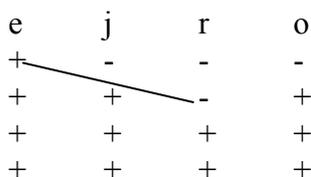
A autora afirma que há uma relação de metátese entre [a] e [ej], pois os dois se alternam nos processos derivacionais do PB, como podemos observar na alternância primário/primeiro. Neste e em outros casos similares, a metátese segue os seguintes passos, enumerados no Quadro 6 (*ibid*, p. 194-196).

Quadro 6 - Etapas do processo de metátese

Etapas	Descrição
Primeira	A vogal alta /i/ é desligada de sua posição inicial para se ligar à rima precedente
Segunda	Espraiamento do traço alto para a vogal /a/ que resulta em /e/
Terceira	A vogal pode se ligar ou não à rima precedente

O grande obstáculo que se apresenta a esse argumento é a falta de identidade semântica entre os dois sufixos, -ario e -eiro (BISOL, 1989, p. 195).

Para sua segunda hipótese, a autora mobiliza a escala de sonoridade. Esse princípio afirma que "qualquer X deve ajustar-se à curva da hierarquia sonora: obstruintes, nasais, líquidas, glides, vogais, posta nos seguintes termos: [-son, -cont] < [-son, + cont] < [+lateral] < [-cons, -alta, -baixa], [-cons, +baixa]" (Kiparsky, 1979 *apud ibid.*, p. 188). Nesse caso, Bisol aponta a proximidade entre líquidas e vogais nessa escala, conforme observamos na Figura 5.



(Fonte: *ibid.*, p.195)

Figura 5 - Escala de sonoridade

A autora argumenta que a inserção do glide preenche esse suposto "vácuo" entre a vogal e a líquida. Mas essa hipótese é fraca devido ao seu caráter muito restrito de aplicação, pois ocorre apenas quando a vogal /e/ precede a líquida (*ibid.*, 1989, p. 196).

Gonçalves (1997) propõe, em oposição a Bisol (1989), a seguinte classificação para os ditongos decrescentes: legítimos e ilegítimos. Para o autor, ditongos falsos e verdadeiros pertencem a uma mesma categoria, ditongos legítimos. Essa proposta está fundamentada pelos seguintes argumentos:

- a) falta de economia caracterizada pelo processo de inserção do glide em ditongos falsos, pois os contextos são bastante distintos (p. ex. fricativa palatal, em peixe, e tepe, em feira);
- b) preferência pelo processo de apagamento do glide para descrição da variação nos ditongos;
- c) o conjunto de ditongos que alternam com a forma monotongada é muito menor do que aquele das formas que não sofrem monotongação;
- d) dentro desse conjunto de ditongos que alternam, os casos em que ocorre realmente variação são muito restritos, dependendo de determinados fatores como contexto fonológico e categoria gramatical, o que poderia justificar uma abordagem léxico-difusionista.

O autor separa os ditongos em 5 grupos:

- I- Ditongos invariáveis: baita, peito, céu, viu, lençol, azul, colcha
- II- Desenvolvimento de glide epentético diante de fricativa em fim de palavra: dez, arroz, pus, três
- III- Desenvolvimento de glide em vocábulos terminados em nasal: homem, também, bombom, falam
- IV- Desenvolvimento de glide em vocábulos terminados em hiato: boa, côa, Léa, ideia
- V- Ditongos variáveis: roubo, peixe, feira, baixo, restaurante

Gonçalves considera como ditongos legítimos aqueles que possuem uma sílaba pesada, constituída de núcleo (vogal) e coda (glide), que pode ou não aparecer na estrutura superficial (grupos I e V). Ditongos ilegítimos são aqueles que surgem na estrutura superficial através de regras fonológicas (inserção de glide em contexto seguinte de fricativa ou nasal), mas que são representados na subjacência por apenas uma vogal (grupos II, III e IV).

ESTUDOS VARIACIONISTAS NO SUL DO BRASIL

Nesta seção, limitaremos nossa discussão aos trabalhos sobre variação que descrevem comunidades da região Sul.

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

O português falado no Sul do Brasil têm sido descrito pelo banco de dados do Projeto VARSUL, que é constituído de falantes representativos étnico-culturalmente, provenientes dos três estados da Região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Especificamente, em relação aos ditongos decrescentes orais, não há tantas descrições.

Sem utilizar-se do banco VARSUL, Meneghini (1983) descreveu a monotongação dos ditongos /ej/, /aj/ e /ow/ em Ibiacá. Sua amostra contou com 115 informantes estratificados segundo escolaridade, sexo, idade e zona rural ou zona urbana. Seu estudo apontou como fatores relevantes para a monotongação dos ditongos decrescentes orais o contexto fonológico seguinte (fricativa palatal e tepe, para /ej/ e/aj/; todos os contextos, para /ow/). Além dessa variável linguística, apenas tonicidade (sílabas átonas) foi considerada como fator relevante para aplicação da monotongação. Nenhuma das variáveis sociais em análise se apresentou como tendo um papel relevante para essa regra variável.

Em um caráter mais restrito, em termos de contextos para a regra variável, podemos citar o estudo de Brescancini (2009), que investigou a monotongação dos ditongos decrescentes seguidos por fricativa em *coda*, na comunidade de Florianópolis. Foram utilizadas 48 entrevistas do VARSUL. Os resultados apontaram como variáveis relevantes para a aplicação da regra de redução: (i) papel morfológico (flexão verbal); e (ii) sexo (feminino). Para a autora, a redução é um processo condicionado lexicalmente (em palavras como, *mais*, *depois* e *seis*) mas que ainda apresenta resíduos de condicionamento estrutural (papel morfológico); também, não há uma relação entre redução e prestígio para os falantes da comunidade.

Até o presente, há quatro trabalhos realizados, em termos de estudo de regra variável, sobre ditongo oral decrescente, com dados do VARSUL: Bisol (1994), Cabreira (1994), Cabreira (1996) e Amaral (2005). As cidades da amostra trabalhadas foram as três capitais dos três estados (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba) e três cidades do Rio Grande do Sul (São Borja, Panambi e Flores da Cunha). Os dados obtidos foram analisados segundo metodologia laboviana e submetidos à análise estatística pelo programa VARBRUL. Descreveremos os resultados alcançados em duas dessas pesquisas por serem mais abrangentes, para fins comparativos.

O ESTUDO DE CABREIRA (1996)

Em sua dissertação, Cabreira (1996) descreve o fenômeno da monotongação de ditongos decrescentes nas três capitais da Região Sul, Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC). Utilizando-se do banco de dados VARSUL, sua amostra é composta de 36 informantes, estratificados segundo as seguintes variáveis sociais constantes no Quadro 24. Os dados obtidos contaram com 483 monotongações do ditongo [ej], sobre um total de 1.512 dados, representando 32% de apagamento de *glide*; 46 apagamentos, para o [aj] sobre 257 dados, 18%, e 1.168 monotongação do ditongo [ow] em 1.215 dados, representando 96 % da regra de supressão de *glide*.

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

Quadro 7 - Variáveis sociais do trabalho de Cabreira (1996)

Variáveis Sociais			
Idade	25 – 50 anos	Mais de 50 anos	
Escolaridade	Primário	ginásio	2º grau
Sexo	Feminino	masculino	
Variedade Geográfica	Porto Alegre	Florianópolis	Curitiba

Em sua pesquisa, o autor elabora primeiramente um estudo preliminar para testar as variáveis estabelecidas em busca de um instrumental de análise mais acurado e condizente com a realidade do fenômeno variável em estudo. Essas variáveis eram as seguintes: (i) contexto fonético precedente; (ii) contexto fonético seguinte; (iii) natureza morfológica; (iv) tonicidade.

Contexto fonético precedente, natureza morfológica e tonicidade apresentaram resultados inexpressivos e não foram submetidos a uma redefinição; apenas o contexto fonético seguinte apresentou resultados relevantes que determinaram a sua redefinição.

Para redefinir a variável independente contexto fonético seguinte para os ditongos [ej] e [aj], Cabreira separou os segmentos tepe, fricativa palatal desvozeada e fricativa palatal vozeada, criou o fator oclusivas velares para [k] e [g], amalgamou as vogais em único fator e também reuniu o restante dos contextos seguintes em um só fator. O grupo de fatores contexto seguinte passou a conter os seguintes fatores:

- (a) fricativa palatal desvozeada
- (b) fricativa palatal vozeada
- (c) tepe
- (d) oclusivas velares
- (e) vogais
- (f) outros

O autor observou os seguintes resultados para os ditongos [ej] e [aj]:

Quadro 8 - Resultado geral para os ditongos [ej] e [aj] em Cabreira (1996)

Ditongo	[ej]	[aj]
Número de ocorrências	1512	357
Monotongação	483	46
Contextos fonológicos (exemplos)	peixe (81/81)	caixa (46/48)
	queijo (12/13)	
	feira (385/394)	

Para o ditongo [ow] tomou-se o ponto de articulação como base para elaboração dos fatores:

- a) consoante labial
- b) consoante dental ou alveolar
- c) consoante palatal
- d) consoante velar
- e) vogal
- f) pausa

O ditongo [ow] apresentou 96% de casos de monotongação (1168/1215), e em todos os contextos a redução ultrapassa os 90% de aplicação.

Estes resultados levaram o autor a redefinir a análise levando em conta os contextos fonéticos que influenciam a regra de apagamento do glide nos ditongos [ej] e [aj], fricativas palato-alveolares, separando-os de [ej] seguido de tepe e do ditongo [ow], que também formaram análises distintas.

Para o efeito deste estudo não consideraremos os resultados sobre sua análise do ditongo [ow], pois não haveria como o comparar com o estudo de Amaral, que analisa apenas o ditongo [ey].

Para a análise dos ditongos [ey] e [ay] seguidos de fricativa palatal, o autor estabeleceu como variáveis linguísticas os seguintes fatores:

Quadro 9 - Variáveis linguísticas analisadas para os Ditongos [ej] e [aj] seguidos de fricativa palatal, em Cabreira (1996)

Variáveis Linguísticas			
Sonoridade do elemento seguinte	Surdo	sonoro	
Posição do elemento seguinte	Heterossilábico	tautossilábico	
Tonicidade	tônico	átono	
Natureza morfológica	Radical	sufixo de plural	outros sufixos
Vogal do ditongo	Ej	Aj	

Para o ditongo [ey] seguido de tepe, temos os grupos de fatores linguísticos estão expostos no Quadro 25.

Quadro 10 - Resultados ditongos [ej] e [aj] em Cabreira (2006)

Variáveis Linguísticas		
Tonicidade	Tônico	átono
Natureza morfológica	Radical	sufixo

A pesquisa de Cabreira apresentou os seguintes resultados para os fatores lingüísticos e sociais favorecedores da regra variável em estudo, expostos no Quadro 11 e 12.

Quadro 11 - Resultados ditongos [ej] e [aj] em Cabreira (1996)

Grupo de fatores	Fator favorecedor
Posição do elemento seguinte	Heterossilábico
Tipo de ditongo	ej
Sexo	Feminino
Variedade Geográfica	Florianópolis
Escolaridade	Primário

Quadro 12 - Resultados ditongos [ej] seguido de tepe em Cabreira (1996)

Grupo de fatores	Fator favorecedor
Natureza morfológica	Radical
Escolaridade	Primário
Sexo	Feminino
Variedade Geográfica	Curitiba

Como podemos observar, ao compararmos os resultados dessas duas análises, há diferenças entre os fatores favorecedores da monotongação entre os diferentes tipos de ditongos., evidenciando, pois, um comportamento distinto para os ditongos [ej] e [aj]. De antemão, observa-se também que os dois tipos de ditongos têm condicionamento linguístico específico (seguidos por certos segmentos) para que a supressão de glide ocorra preferencialmente tepe, para o [ej] e palatal, para o [aj].

Além disso, observamos diferenças no papel da variável *Variedade Geográfica*. Para o "estudo sobre os ditongos [ey] e [ay] seguidos de fricativa palatal", *Florianópolis* se mostrou como o fator mais favorecedor à regra; já no "estudo sobre o ditongo [ey] seguido de tepe", *Curitiba* provou ser o fator que mais favorece a regra variável.

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

O fato de Cabreira agrupar os ditongos [ej] e [aj] em uma mesma análise, impede-nos de verificarmos se a seleção de variáveis nas duas análises é realmente diferente, já que tratam de ditongos e contextos diferentes. A estratégia analítica do pesquisador é intencional no caso de se verificar o papel de variáveis em determinados contextos. Por isso, podemos, talvez, dizer que, para os dois tipos de ditongos analisados, em termos de influência de aspectos sociais no fenômeno estudado, a variável escolaridade *primário* (atual nível fundamental) e o sexo *feminino* são significativos para a regra de monotongação.

O ESTUDO DE AMARAL (2005)

Em sua pesquisa, Amaral (2005) descreve a variação do ditongo [ey] nas comunidades de fala de São Borja, Panambi e Flores da Cunha. Sua amostra é constituída de 42 informantes, estratificados segundo os fatores sociais expostos no Quadro 13.

Quadro 13 - Variáveis sociais do trabalho de Amaral (2005)

Variáveis Sociais			
Idade	25 a 50 anos	Mais de 50 anos	
Escolaridade	primário	ginásio	2º grau
Variedade Geográfica	São Borja	Panambi	Flores da Cunha

Foram estabelecidas as seguintes variáveis linguísticas:

Quadro 14 - Variáveis linguísticas analisadas para o [ej] em Amaral (2005)

Variáveis ling.							
Classe de palavra	nome	verbo	Outra classe				
Contexto fonol. Seguinte	tepe ou vibrante simples	fricativa palato-alveolar	coronal	dorsal	labial	antes de vogal	antes de pausa
Posição do ditongo	no radical	no sufixo					
Tonicid.	sílaba tônica	sílaba pretônica	sílaba postônica				

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

Os fatores que mais favorecem a regra variável estão apresentados abaixo, no Quadro 15.

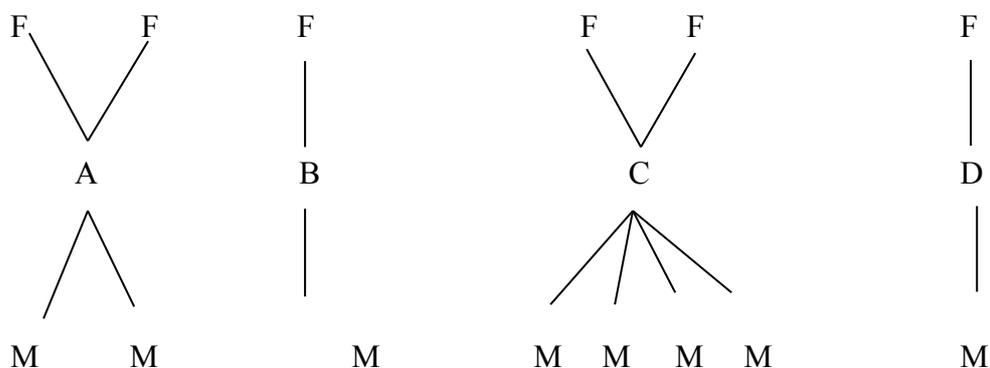
Quadro 15 - Variáveis significativas na análise de [ej] em Amaral (2005)

Grupo de fatores	Fator favorecedor
Contexto fonológico seguinte	fricativa palato-alveolar/tepe
Idade	25 a 50 anos
Tonicidade	pretônica/postônica
Classe de palavra	não-verbo

Como vemos no quadro 15, dentre as variáveis sociais apenas *idade* (fator *25 a 50 anos*) foi selecionada como relevante para aplicação da regra de redução de ditongos; nesse estudo os mais jovens aplicam a regra de forma mais significativa em relação aos mais velhos. Quanto às variáveis linguísticas, *contexto fonológico seguinte* (fatores *fricativa palato-alveolar* e *tepe*), *tonicidade* (*silabas átonas*) e *classe de palavra* (*formas não-verbais*) se apresentam como fatores favorecedores à aplicação da regra variável em estudo. Podemos perceber que os contextos fonológicos mais significativos para o apagamento do *glide* palatal corroboram a descrição de Bisol (1989) dos ditongos leves (ou falsos), ambiente fonológico favorecedor para a variação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, com o objetivo de fazer uma análise em tempo real, em busca de indícios de uma possível mudança linguística relacionada à variação nos ditongos, selecionamos uma amostra de informantes da cidade de Porto Alegre do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), entrevistados na década de 1970, que foram recontatados na década de 1990 pelo Projeto Variação Linguística no Sul (VARSUL). Nessa amostra, havia 14 informantes, 8 homens e 6 mulheres. Todos os informantes possuíam formação escolar universitária, devido aos objetivos do Projeto NURC; logo, o fator social escolaridade não pode ser incluído entre as variáveis sociais. Abaixo, podemos ver a distribuição da amostra segundo as variáveis sociais *Sexo* e *Idade*.



- A: 20-29 anos (NURC); 47-56 anos (VARISUL)
 B: 30-39 anos (NURC); 57-66 anos (VARISUL)
 C: 40-49 anos (NURC); 67-76 anos (VARISUL)
 D: mais de 50 anos (NURC); mais de 77 anos (VARISUL)

Como podemos observar na distribuição acima, nossa amostra foi dividida segundo as faixas etárias 20-29, 30-39, 40-49 e mais de 50 anos; cada faixa possui o mesmo número de informantes masculinos e femininos, exceto a a faixa de 40-49 anos, em que há o dobro (4) de informantes masculinos em comparação ao número de informantes femininos (2).

Em seguida, procedemos à oitiva de 28 entrevistas, em que foram coletados 1791 dados (760 referentes ao Projeto NURC e 1031 provenientes do Projeto VARISUL). Concluída a coleta dos dados, passamos à sua codificação, segundo as variáveis linguísticas e sociais selecionadas para a análise.

O PROJETO NURC³

O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) teve início no Brasil em 1969, em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. O projeto nasceu com o objetivo de descrever a norma culta do português utilizada por falantes com escolaridade de nível superior.

Sua amostra é constituída de informantes dos dois gêneros, distribuídos por três faixas etárias (25-35; 36-55; 56 ou mais). Os informantes, divididos em três faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 anos ou mais), deveriam ter formação universitária completa, ter nascido na cidade em estudo e nela ter vivido, pelo menos, três quartas partes de suas vidas e ser filhos de falantes nativos de português. Há três diferentes tipos de *corpus* na amostra: elocuições formais, diálogos entre informante e

³ Informações extraídas do artigo “O Desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil” (KOCH, 1999).

documentador e diálogos entre dois informantes. O número total de entrevistas compreende 1870 gravações, constituindo 1.570 horas.

O PROJETO VARSUL⁴

O Projeto VARIAÇÃO LINGUÍSTICA URBANA DO SUL DO PAÍS (VARSUL) constitui-se em um banco de dados contendo entrevistas realizadas entre 1990 e 1992. Abrangendo os três estados da Região Sul do País, esse projeto conta com a participação das seguintes instituições: UFRGS, PUCRS, UFSC e UFPR. A amostra é composta das capitais e das comunidades que representam as principais etnias de cada estado. Do Rio Grande do Sul, estão contempladas as cidades de Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja. Em Santa Catarina, foram selecionadas as cidades de Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó. Do Paraná, foram escolhidas as cidades de Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati. Cada entrevista tem duração aproximada de sessenta minutos, e há 24 entrevistas para cada cidade, totalizando 288 entrevistas para os três estados.

Para a coleta dos dados, procedeu-se à metodologia laboviana, inspirando-se no Projeto Censo do Rio de Janeiro, de Anthony Naro. A transcrição dos dados contém três linhas, que trazem as seguintes informações: transcrição ortográfica, transcrição fonética aproximada e classificação morfossintática.

A amostra é constituída de informantes sem curso superior distribuídos por grau de escolaridade, sexo, faixa etária (acima de 25 anos), e nível de escolaridade.

AS VARIÁVEIS ANALISADAS

A seguir, trazemos, nos Quadros 16 e 17, as variáveis linguísticas e sociais selecionadas para o nosso estudo.

⁴ Informações extraídas do site <http://www.varsul.org.br>.

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

Quadro 16 - Variáveis linguísticas

1. Variável Dependente	Exemplos
0- manutenção do ditongo	peixe
1- redução do ditongo	peixe
2. Contexto Fonológico Seguinte	
(f) fricativa	queijo
(v) velar	manteiga
(a) alveolar	Leite
(t) tepe	Feira
(n) nasal	treinar
(e) vogal	passeio
(#) pausa	comprei #
(l) labial	comprei leite
3. Tonicidade	
(3) átono	reinar
(4) tônico	dinheiro
4. Natureza Morfológica	
(r) radical	beira
(s) sufixo	engenheiro
5. Classe de Palavra	
(p) verbos	Sei
(q) não-verbos	Lei

Quadro 17 - Variáveis Sociais

6. Idade
(5) 20 – 29 anos (NURC); 47-56 anos (VARISUL)
(6) 30 – 39 anos (NURC); 57-66 anos (VARISUL)
(7) 40 – 49 anos (NURC); 67-76 anos (VARISUL)
(8) mais de 50 anos (NURC); mais de 77 anos (VARISUL)
7. Sexo
(h) Masculino
(m) Feminino

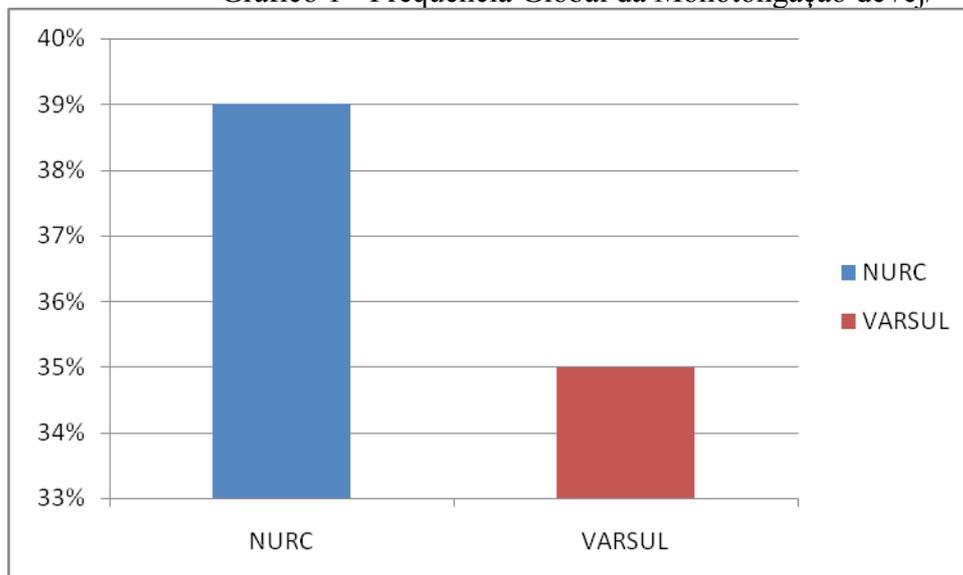
RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados de nossa análise sobre a regra variável de monotongação do ditongo /ej/. Também trazemos o estudo comparativo de nossa pesquisa com as análises de Cabreira (1996) e Amaral (2005).

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

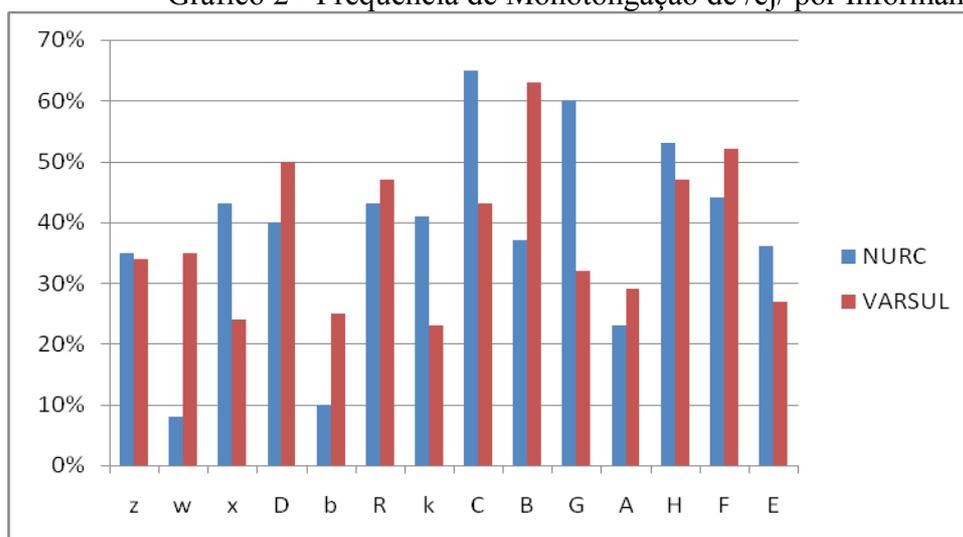
Apresentamos abaixo os resultados gerais de frequência de monotongação de /ej/, comparando dados do banco NURC e do banco VARSUL.

Gráfico 1 - Frequência Global da Monotongação de /ej/



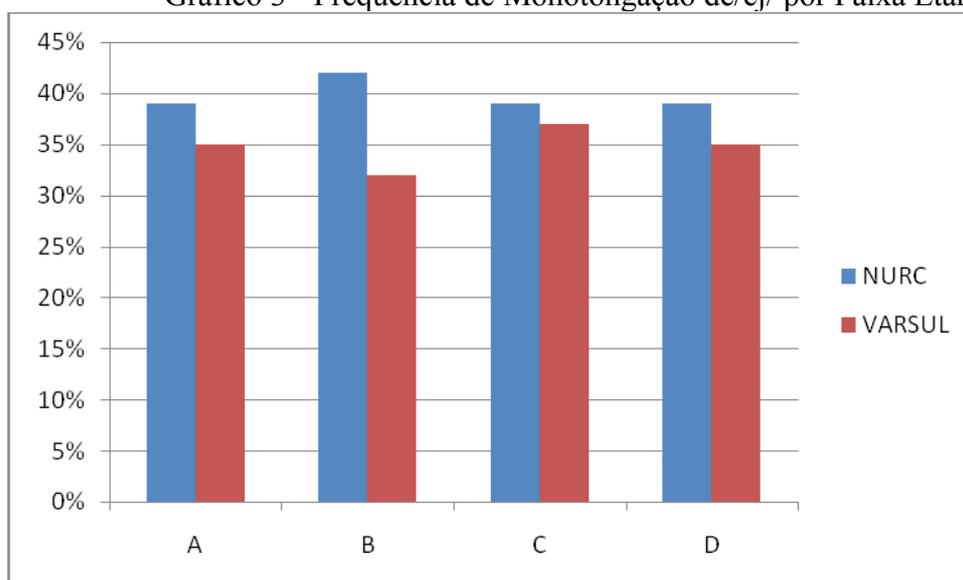
No Gráfico 1, em que temos a distribuição geral de monotongação do ditongo /ej/, podemos perceber que não há uma diferença significativa entre os dados das entrevistas do NURC e do VARSUL, que representam um intervalo de tempo de quase trinta anos: no NURC, observou-se 39% de aplicação da regra variável; enquanto, entre informantes do VARSUL, houve 35% de ocorrência de monotongação.

Gráfico 2 - Frequência de Monotongação de /ej/ por Informante



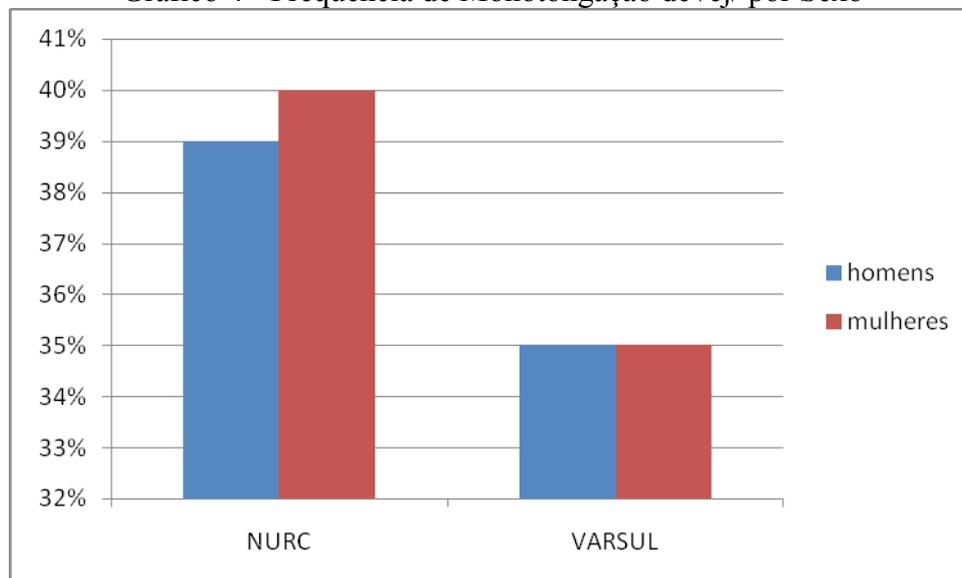
No Gráfico 2, temos a distribuição da frequência de monotongação de /ej/ por informante, em dados do NURC e do VARSUL. Como podemos perceber a partir da análise comparativa de cada informante, não há uma tendência uniforme de elevação ou diminuição da frequência de monotongação no decorrer do tempo: temos casos de diminuição significativa (informante C) e casos de aumento significativo (informante B).

Gráfico 3 - Frequência de Monotongação de/ej/ por Faixa Etária



O Gráfico 3 apresenta a distribuição da frequência de monotongação conforme a Faixa Etária dos informantes. Há uma diminuição não significativa no decorrer do tempo para todas as faixas etárias.

Gráfico 4 - Frequência de Monotongação de /ej/ por Sexo



Conforme vemos no Gráfico 4, para ambos os sexos, não há uma alteração significativa da frequência de monotongação de /ej/. Isso pode ser um forte indício do papel neutro dessa variável social na aplicação da regra variável de monotongação de /ej/.

A seguir, trazemos os resultados das rodadas realizadas pelo programa GoldVarb. Salientamos que, objetivando a constituição de um número significativo de dados em nosso *corpus* e por pertencerem aos mesmos informantes, reunimos dados dos bancos NURC e VARSUL em um único *corpus*.

A primeira rodada apresentou a manutenção categórica de vários fatores do grupo Contexto Seguinte (*alveolar, labial, nasal, pausa e vogal*). Em vista disso, essas variáveis foram eliminadas da rodada seguinte. Ainda em relação a esse grupo de fatores, devido à baixa ocorrência de dados com o contexto seguinte *velar* (somente a palavra *manteiga*), procedemos à amalgamação desse fator à variável *fricativa palatal*.

Foram feitas duas rodadas controlando o papel do grupo Classe de Palavra, pois havia uma diferença significativa nos dados entre o número de ocorrência de *não verbos* e *verbos*. Com o grupo Classe de Palavra, o programa selecionou os grupos Contexto Seguinte, Natureza Morfológica e Classe de Palavra, nessa ordem. Devemos salientar que o Input das rodadas oscilou de forma bastante significativa, mudando o input do nível zero (0.939, na rodada selecionada), que deve ser muito próximo ao da frequência geral de aplicação da regra (86%). Isso pode ser explicado devido à diferença de dados de aplicação em verbos (652) e não verbos (114) e ao número alto de incidência de monotongação em contexto seguinte de tepe.

Tabela 1 - Contexto Seguinte: Primeira variável independente selecionada pelo programa GoldVarb

	Frequência		Peso relativo
Tepe	572/594	96%	0.57
Fricativa palatal	89/172	51%	0.25
TOTAL	661/766	86%	

Input 0.939 Significância 0.009

Podemos observar que a Tabela 1, quanto à variável linguística Contexto Seguinte, apresentou o fator *tepe* (0.57) como o que mais influencia a aplicação da regra variável de monotongação do ditongo /ej/. A seleção dessa variável pelo programa e os pesos relativos não são de natureza completamente confiável, pois, como já foi mencionado, a elevada frequência de monotongação em contextos de *tepe* pode estar provocando um enviesamento na interpretação estatística dos resultados realizada pelo software.

Tabela 2 - Natureza Morfológica: Segunda variável independente selecionada pelo programa GoldVarb

	Frequência		Peso relativo
Sufixo	311/377	82%	0.36
Radical	350/389	90%	0.63
TOTAL	661/766	86%	

Input 0.939 Significância 0.009

Quanto à variável linguística Natureza Morfológica, a Tabela 2 aponta o fator *radical* (0.63) como o que mais influencia a monotongação de /ej/. Se olharmos para os percentuais de frequência (82% para sufixo e 90% para radical), perceberemos que não há uma diferença significativa entre a aplicação de monotongação nos dois fatores que justifique uma distância tão grande entre seus pesos relativos (0.36 e 0.63). Quando analisamos o cruzamento entre esse grupo de fatores e o grupo Classe de Palavra, passamos a entender esses números.

Tabela 3 - Cruzamento entre as variáveis linguísticas Classe de Palavra e Natureza Morfológica

	Sufixo		Radical	
Não verbo	310/316	98%	317/336	94%
Verbo	1/61	2%	33/53	62%

Tabela 4 - Cruzamento entre as variáveis linguísticas Natureza Morfológica e Contexto Seguinte

	Tepe		Fricativa palatal	
Sufixo	306/313	98%	5/64	8%
Radical	266/281	95%	84/108	78%

As Tabelas 3 e 4 mostram os cruzamento da variável Natureza Morfológica com Contexto Seguinte e Classe de Palavra. Temos a não aplicação categórica da monotongação (98%) em sufixos de não verbos e a aplicação categórica em sufixos com tepe (que podem, em muitos casos, corresponder aos casos de palavras como "engenheiro"), o que pode estar provocando o enviesamento dos dados e, também, o resultado que vemos nos pesos relativos dos fatores da tabela 5.

Tabela 5 - Classe de Palavra: Terceira variável independente selecionada pelo programa GoldVarb

	Frequência		Peso relativo
Não verbo	627/652	96%	0.6
Verbo	34/114	30%	0.07
TOTAL	661/766	86%	

Input 0.939 Significância 0.009

Quanto à variável linguística Classe de Palavra, a Tabela 5 apresenta o fator *não verbo* (0.6) como o que mais favorece a aplicação de monotongação em ditongo /ej/. Todavia, a confiabilidade desses pesos relativos parece estar comprometida devido à grande diferença entre o número de dados de não verbos (652) e de verbos (114).

A seguir, resumimos em um quadro as variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb como as que mais influenciam a regra de monotongação do ditongo /ej/.

Quadro 18 - Resultado da rodada com o programa GoldVarb: condicionamento linguístico

Grupo de fatores	Fator que mais influencia a regra variável	Exemplos:
1. Contexto Seguinte	Tepe	dinheiro
2. Natureza Morfológica	Radical	seis
3. Classe de Palavra	Não verbo	maneira

Desse modo, conforme exposto no Quadro 18, os fatores que mais influenciam a regra variável de monotongação de /ej/ são, na ordem em que foram selecionados pelo programa GoldVarb, *tepe*, *radical* e *não verbo*.

ANÁLISE COMPARATIVA: CABREIRA (1996), AMARAL (2005) E TOLEDO (2011)

A seguir, temos uma comparação de resultados entre a nossa pesquisa e as de Cabreira e Amaral.

Quadro 19 - Comparação de Resultados entre Cabreira (1996), Amaral (2005) e Toledo (2011): Efeito das Variáveis Linguísticas

	Contexto Seguinte	Morfologia do Ditongo
Cabreira (1996)	Tepe e fricativa palatal	Base
Amaral (2005)	Tepe e fricativa palatal	Base e não verbo
Toledo (2011)	Tepe e fricativa palatal	Base e não verbo

O Quadro 19 traz apenas as variáveis linguísticas selecionados pelos outros dois estudos, pois, em nossa pesquisa, as variáveis sociais não foram apontadas como relevantes para a aplicação da regra variável. Quanto à variável Contexto Seguinte, não há discordância quanto ao efeito favorecedor dos fatores *tepe* e *fricativa palatal*. Na Morfologia do Ditongo, Cabreira tem em seu trabalho a variável Natureza Morfológica (base/afixo) como relevante – ditongos situados na base têm mais probabilidade de serem reduzidos; Amaral inclui em sua análise a classe de palavra e apresenta base e não verbo – convergindo com nossos resultados – como os fatores que mais influenciam a regra; em nossa pesquisa, a Natureza Morfológica, base, e Classe de Palavra, não verbos, se comportaram como favorecedores da regra. A seguir, trazemos um quadro que ilustra o efeito das variáveis sociais nos três estudos.

Quadro 20 - Comparação de Resultados entre Cabreira (1996), Amaral (2005) e Toledo (2011): Efeito das Variáveis Sociais

	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Localidade
Cabreira (1996)				
Amaral (2005)	-----			
Toledo (2011)			-----	-----

O acréscimo de nosso estudo à análise comparativa das pesquisas de Cabreira e Amaral não provoca nenhum efeito de convergência quanto às variáveis sociais; em nosso estudo, somente as variáveis *Sexo* e *Faixa Etária* foram analisadas, e estas não apresentaram nenhum efeito sobre a aplicação da regra variável de redução do ditongo [ej].

Quadro 21 - Comparação de Resultados entre Cabreira (1996), Amaral (2005) e Toledo (2011): Convergências

	Contexto Seguinte	Morfologia do Ditongo
Cabreira (1996)	Tepe e Fricativa	base
Amaral (2005)	Tepe e Fricativa	base/não verbo
Toledo (2011)	Tepe e Fricativa	base/não verbo

Como vemos no Quadro 21, as variáveis Contexto Seguinte e Morfologia do Ditongo apresentam convergência na comparação de resultados entre as pesquisas.

Quadro 22 - Comparação de Resultados entre Cabreira (1996), Amaral (2005) e Toledo (2011): Distribuição Geral da Regra Variável

	REDUÇÃO (FREQUÊNCIA)	TOTAL DE DADOS	NÚMERO DE INFORMANTES
Cabreira (1996)	483 32%	1512	36
Amaral (2005)	1055 33%	3169	42
Toledo (2011)	667 37%	1791	14

A comparação efetuada no Quadro 22 revela que não há uma diferença significativa entre as frequências de aplicação da regra variável nos três estudos em comparação. Mesmo com um número bastante menor de informantes (14), quando comparado com Cabreira (36) e Amaral (42), nosso estudo aponta uma frequência bastante próxima (37%) daquela observada pelos dois outros trabalhos (32% e 33%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo, descrevemos o fenômeno de monotongação do ditongo decrescente oral [ej] no português falado no Sul do Brasil, sob a ótica da Teoria

Fonológica e da Teoria da Variação. Do ponto de vista fonológico, baseamo-nos nos estudos de Câmara Jr. (1970), Bisol (1989, 1991, 1994) e Gonçalves (1997). A perspectiva variacionista foi fundamentada nos princípios da Teoria de Variação Linguística de Labov (1994).

Nossa pesquisa também procedeu a uma análise comparativa dos estudos de Cabreira (1996) e Amaral (2005). Seus resultados convergem quanto à influência favorecedora dos fatores linguísticos tepe e fricativa, para a variável contexto seguinte; base, para a variável posição do ditongo na estrutura morfológica; e não verbos, para a classe mórfica das palavras. Quanto aos fatores sociais, não há convergências. Nossos resultados corroboram em parte as duas pesquisas anteriores, convergindo nas variáveis linguísticas contexto seguinte, estrutura morfológica e classe de palavra.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 40, nº 3, p. 101-116, 2005.
- BISOL, Leda (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª Edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- _____. Ditongos Derivados. In: *DELTA*, SP, v. 10, p. 123-140, 1994.
- _____. O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. In: *DELTA*, São Paulo, v. 05, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano catarinense. In: Leda Bisol; Gisela Collischonn. (Org.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2009, v. , p. 34-49.
- CABREIRA, Sílvio Henrique. A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, nº 4, p. 129-141, 1994.
- _____. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970). Campinas: Editora Vozes, 2004.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Ditongos decrescentes: variação e ensino. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p. 152-192, 1997.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. *DELTA*.1999, vol.15,168-180.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008. (Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Cardoso, Caroline Rodrigues)
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 134-160.

MENEGHINI, F. *O fenômeno de monotongação em Ibiaçá, Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1983.

SANKOFF, David; LABOV, William. On the uses of variable rules. *Language in Society* 8, p.189-222.

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

WEINRICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006. (Tradução de Marcos Bagno).